

A virada da produção agrícola brasileira

Diariamente vemos e ouvimos a imprensa nos dizer que o agro é tech, é top é tudo. Faz sentido. Comparando a evolução desse setor com o de outros segmentos da economia brasileira, o agronegócio deslanchou, surpreendeu e se distanciou do Brasil real. Seu espetacular desenvolvimento chama a atenção, não somente de nós brasileiros, mas do mundo. Afinal, o Brasil é um país “Em Desenvolvimento”, mas quando observado desde a perspectiva agrícola, aparenta ser “Desenvolvido”! O desenvolvimento deste setor foi muito superior em relação aos demais da economia brasileira, despontando como o principal responsável pelos superávits e equilíbrio da balança comercial brasileira. Foi de quase U\$ 900 bilhões o superávit comercial do agronegócio do Brasil no período 2000/2016, em contraste com déficits na maior parte dos demais setores.

A grande virada do agronegócio brasileiro começou na década de 1970, quando o Brasil se descobriu com potencial para ser grande produtor e fornecedor de soja para os mercados nacional e internacional. A soja foi o motor desse avanço, que, além de tornar-se, ela mesma, o principal produto exportado pelo Brasil, estimulou a produção de milho que, juntos, promoveram a produção de carnes, tornando o país o maior exportador global. Que a “Carne Fraca” não nos derrube desse patamar, tão duramente alcançado.

No início dos anos 70, a produção de soja no Brasil era pequena: 1,5 milhões de toneladas (Mt) em 1970 e concentrada no sul do Brasil. No final da década, considerando o valor bruto da produção, a soja já era a cultura líder do agronegócio nacional (15 Mt, em 1979). A descoberta do potencial da soja levou milhares de produtores da região sul - onde a terra era escassa e cara - para o Cerrado, transformando essa região marginalizada, despovoada e desvalorizada no maior centro produtor de commodities agrícolas do país. “O desenvolvimento do Cerrado brasileiro deve ser considerado um dos maiores eventos do século XX” declarou Norman Borlaug, Prêmio Nobel da Paz de 1960.

Mas não foram todos os produtores rurais que se beneficiaram desse rápido desenvolvimento. Segundo Eliseu Alves e Daniela Rocha, 27 mil estabelecimentos agrícolas empresariais respondem por mais da metade do valor bruto da produção agrícola brasileira (R\$ 528 bilhões, em 2016). A grande maioria dos 4,5 milhões de estabelecimentos rurais ainda busca o caminho do sucesso, que poderá nunca chegar, porque lhes faltam as ferramentas necessárias para deslanchar: pouca terra, pouco domínio tecnológico, falta de assistência técnica, falta de maquinário ou máquinas obsoletas, e, também, mão de obra familiar escassa, porque os jovens

estão preferindo migrar para a cidade, atrás de mais conforto e lazer. Estes pequenos produtores, no entanto, embora carentes de prestígio e de bem estar, são os principais provedores dos alimentos que consumimos diretamente, como frutas, hortaliças, leite e ovos.

O êxodo rural não é novidade brasileira. Isto aconteceu, por exemplo, também nos EUA entre as décadas de 1940 a 1980, quando mais de 60% dos estabelecimentos rurais desapareceram. Hoje, também está acontecendo na China, assim como em muitos outros países, mundo afora.

O campo está migrando das pequenas propriedades tocadas com muito esforço e sacrifício com a mão de obra das famílias proprietárias, para grandes empresas agrícolas altamente especializadas que fazem uso da automação nos processos produtivos, onde a máquina substitui gradativamente a mão de obra, com menos esforço e menor custo. Além de mais potentes e mais sofisticadas, a quantidade de máquinas nos campos de produção cresceu, permitindo maior rendimento operacional e maior conforto para os seus operadores.

Assim como as máquinas foram importantes na aceleração do desenvolvimento agrícola nacional, o uso de biotecnologias, como a engenharia genética, trouxera sofisticação no desenvolvimento de novas cultivares de soja, milho e algodão, modificando seu DNA via incorporação de genes estranhos às culturas e facilitando o controle de suas pragas e invasoras. Essas mudanças contribuíram para alavancar a produção agrícola brasileira, gerando enormes excedentes exportáveis que promoveram o Brasil de importador de alimentos para segundo maior exportador e gerador de enormes superávits para a balança comercial brasileira.

O Brasil agrícola mudou e poderá ensinar o caminho do campo para outros setores da economia nacional.

Autor:

Amélio Dall'Agnol - Pesquisador da Embrapa Soja